



**RETÓRICA MULTIMODAL NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO: dispositivo
simbólico na disseminação de *greenwashing***

Miguel Eugenio Minuzzi Vilanova

miguelvilanova@gmail.com

Roberto Bazanini

robertobazanini@gmail.com

Palavras-chave: Agronegócio. Dispositivo simbólico. Greenwashing. Retórica multimodal.

1. INTRODUÇÃO

A ascensão dos critérios ESG (*Environmental, Social and Governance*), impulsionada pelo Manifesto de Davos (SCHWAB, 2019), consolidou-os como linguagem dominante da sustentabilidade corporativa. Entretanto, à medida que se tornam padrão institucional, crescem as críticas quanto à sua efetividade, sobretudo pela apropriação reputacional em detrimento de transformações substantivas (Ping, Yue e Qi, 2023; Gillan, Koch e Starks, 2021).

No agronegócio brasileiro, em especial na cadeia da carne bovina, entrevistas e documentos indicam que o ESG tem sido adotado mais como exigência institucional do que como compromisso ético. Questionários aplicados a consumidores reforçam esse diagnóstico,

revelando desconfiança quanto à veracidade das certificações e relatórios, configurando um padrão de *greenwashing* estrutural.

1.1 Pergunta Problema e Objetivos

O problema central desta pesquisa consiste em discutir criticamente: o ESG constitui um mecanismo efetivo da sustentabilidade como avalia o agronegócio brasileiro ou atua como dispositivo simbólico de poder que organiza retoricamente disputas de legitimidade?

Objetivo geral: analisar criticamente os fundamentos, usos e efeitos disseminados nos discursos da governança ESG no agronegócio e, particularmente, na cadeia da carne bovina no Sudoeste de Mato Grosso.

Objetivos específicos: (i) mapear como diferentes *stakeholders* entendem o ESG; (ii) analisar os mecanismos de *greenwashing* discursivo e simbólico; (iii) identificar as assimetrias epistêmicas, tecnológicas e informacionais que limitam sua efetividade.

1.2 Justificativa

O estudo é justificado pela necessidade de compreender as contradições entre narrativa e prática do ESG, em um setor estratégico e de forte impacto socioambiental como o agronegócio. A análise crítica possibilita identificar limites estruturais e propor alternativas avaliativas que ampliem a efetividade da governança socioambiental, em sintonia com os debates contemporâneos sobre gestão organizacional, sustentabilidade e governança corporativa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ESG consolidou-se como linguagem hegemônica da sustentabilidade corporativa, sendo amplamente incorporado em relatórios, métricas e certificações. A literatura reconhece sua difusão global, mas aponta limitações quanto à efetividade de seus indicadores e à distância entre narrativas e práticas, especialmente em setores de forte impacto socioambiental, como o agronegócio (Amel-Zadeh & Serafeim, 2018).

O debate teórico clássico articula contribuições das Teorias da Agência, dos Stakeholders, Institucional e da Legitimidade. Em conjunto, essas abordagens ajudam a compreender como organizações respondem a pressões externas, buscam legitimar suas ações e equilibram relações com múltiplos públicos (Freeman, 1984; Jensen e Meckling, 2019; Meyer e Rowan, 1977; Suchman, 1995). No entanto, tais teorias frequentemente assumem a neutralidade dos mecanismos de avaliação da sustentabilidade.

Na perspectiva da retórica multimodal a ESG tende a funcionar como dispositivo simbólico e performativo, naturalizando práticas de *greenwashing*, simulações institucionais e racionalidades reputacionais, disfarçadas sob a rubrica de ações de sustentabilidade (Meyer e Rowan, 1977; Delmas e Burbano, 2011; Vilanova e Bazanini, 2023). Categorias críticas como justiça epistêmica, exclusão tecnológica e democracia informacional permitem compreender como o ESG inviabiliza saberes locais diluídos na forma de universais abstratos e alegações cativantes implícitas nas formas de atuação do agronegócio brasileiro (Bazanini et al., 2024; Silva, 2023).

3. METODOLOGIA

O estudo adota uma epistemologia crítica e abordagem qualitativa de caráter interpretativo, compreendendo o ESG como artefato simbólico e performativo. A estratégia metodológica de triangulação combinou: revisão integrativa de literatura (2015–2025), análise documental de relatórios corporativos (JBS, 2023; Marfrig, 2024) e materiais institucionais, entrevistas semiestruturadas com stakeholders (pecuaristas, SENAR, sindicatos, supermercados, INDEA e MAPA) e questionários aplicados a 123 consumidores urbanos.

A lógica de análise foi indutivo-dedutiva, articulando categorias teóricas prévias com padrões emergentes das falas, documentos e percepções dos consumidores. Essa triangulação possibilitou a identificação de cinco eixos críticos centrais: (i) simulação institucional e uso simbólico do ESG; (ii) desconexão entre narrativa e prática; (iii) exclusão tecnológica; (iv) invisibilidade epistêmica; e (v) disputa simbólica por legitimidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As técnicas da retórica multimodal são empregadas no agronegócio brasileiro, na disseminação da desinformação, mascaramento da intencionalidade e autenticidade de procedimentos contrários à sustentabilidade, pelo emprego de universais abstratos diluídos em discursos de ressignificação legitimadora (Bazanini et al., 2024, Silva, 2023), tais como: “o agro é pop! o agro é tech! o agro é trabalho no Campo! [...] o agro é dignidade à vida no campo! o agro é tudo!” (Budo, 2018, p.187).

Os dados empíricos revelam que o ESG opera predominantemente como dispositivo simbólico, funcionando mais como gramática reputacional do que como prática transformadora. Relatórios corporativos e discursos institucionais evidenciam a ritualização de expressões como “carbono neutro” e “cadeia verde”, que performam legitimidade sem vínculos consistentes com transformações substantivas.

Essa simulação institucional, reforçada pela opacidade dos relatórios e pela ausência de auditorias independentes, corrobora a tese do *greenwashing* estrutural (Amel-Zadeh e Serafeim, 2018). Entrevistas com técnicos e produtores apontam para a dissonância entre narrativa e prática, confirmando que a adesão ao ESG responde mais a pressões reputacionais do que a exigências éticas ou socioambientais.

Além disso, emergiram exclusões estruturais que tensionam a efetividade do ESG: (i) exclusão tecnológica, marcada pela dificuldade de pequenos produtores em acessar ferramentas digitais de rastreabilidade e certificação (Pooe e Munyanyi, 2025); (ii) invisibilidade epistêmica, que deslegitima práticas agroecológicas e saberes locais (Escobar, 2005); e (iii) disputa simbólica por legitimidade, na qual o ESG funciona como moeda reputacional, privilegiando atores com maior capital comunicacional e institucional (Bebchuk e Tallarita, 2020).

Esses achados confirmam que o ESG, longe de ser apenas um mecanismo técnico de governança, deve ser interpretado como linguagem ideológica e performativa em disputa no campo da gestão organizacional e comunicação com o mercado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retórica multimodal demonstra que o ESG na cadeia da carne bovina brasileira funciona como dispositivo simbólico e performativo, associado à simulação institucional e à blindagem reputacional. A triangulação metodológica permitiu identificar cinco eixos críticos: ritualização normativa, dissonância entre narrativa e efetividade, exclusão tecnológica, invisibilidade epistêmica e disputa simbólica por legitimidade.

Como contribuição, propõe-se um modelo multiteórico que articula teorias organizacionais clássicas (Agência, *Stakeholders*, Institucional e Legitimidade) com abordagens críticas emergentes (justiça epistêmica, exclusão tecnológica e colonialidade do saber). Do ponto de vista prático, recomenda-se a construção de mecanismos avaliativos que combinem verificabilidade empírica, sensibilidade territorial e pluralidade epistêmica. Dessa forma, o ESG poderá transcender a gramática reputacional e tornar-se instrumento de reconstrução institucional e de reconhecimento de saberes historicamente silenciados.

REFERÊNCIAS

AMEL-ZADEH, Amir; SERAFEIM, George. Why and how investors use ESG information: Evidence from a global survey. **Financial analysts journal**, v. 74, n. 3, p. 87-103, 2018.

BAZANINI, Roberto et al. A Comunicação do Agronegócio brasileiro se posiciona como greenwashing? **Comunicação & Inovação**, v. 25, p. e20249405-e20249405, 2024.

BEBCHUK, Lucian A.; TALLARITA, Roberto. The illusory promise of stakeholder governance. **Cornell L. Rev.**, v. 106, p. 91, 2020.

BUDÓ, M. D. N. Mortes no campo e a operação greenwashing do “agro.” Inviabilização de danos sociais massivos no Brasil. **InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais**, v. 3, n. 2, p. 163–207, 2018.

DELMAS, Magali A.; BURBANO, Vanessa Cuerel. The drivers of greenwashing. **California management review**, v. 54, n. 1, p. 64-87, 2011.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 133-168, 2005.

FREEMAN, R. Edward. **Strategic management: A stakeholder approach**. Cambridge university press, 2010.

GILLAN, Stuart L.; KOCH, Andrew; STARKS, Laura T. Firms and social responsibility: A review of ESG and CSR research in corporate finance. **Journal of Corporate Finance**, v. 66, p. 101889, 2021.

JBS S.A. **Relatório de Sustentabilidade**. 2023Recuperado de <https://www.jbs.com.br/sustentabilidade/ras/relatorios/>.

JENSEN, Michael C.; MECKLING, William H. Theory of the firm: Managerial behavior, agency costs and ownership structure. In: **Corporate governance**. Gower, 2019. p. 77-132.

Marfrig. **Relatório de Sustentabilidade**. 2024. Recuperado de <https://ri.marfrig.com.br/informacoes-financeiras/relatorios-anuais/>.

MEYER, John W.; ROWAN, Brian. Institutionalized organizations: Formal structure as myth and ceremony. **American journal of sociology**, v. 83, n. 2, p. 340-363, 1977.

PING, Wei et al. ESG-driven corporate value creation under the paradigm of ecological civilization: evidence from the shareholder, industrial chain and consumer channels. **Social Sciences in China**, v. 44, n. 1, p. 129-157, 2023.

POOE, D., MUNYANY, W. Digital technologies and the future of sustainable agri-food value chains in Africa. **Sustainability in Debate**, v.16, n.1, p.190–205, 2025.

SCHWAB, Klaus. Davos Manifesto 2020: The universal purpose of a company in the fourth industrial revolution. In: **World economic forum**. 2019.

SILVA, C.F.S da **Retórica Multimodal nas Fake News**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2023.

SUCHMAN, Mark C. Managing legitimacy: Strategic and institutional approaches. **Academy of management review**, v. 20, n. 3, p. 571-610, 1995.

VILANOVA, M. E. M.; BAZANINI, R. Proposta de modelo de indicadores sustentáveis para cadeia produtiva da carne bovina brasileira: combate às práticas de greenwashing. **REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 13, n. 4, p. 177-196, 2023.